

SINTONIA: REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE *FUNKEIRA* PRODUZIDA PELA SÉRIE DA KONDZILLA

BACK, Diego Henrique Reichert¹

PRADO, Gustavo dos Santos²

RESUMO: O artigo procura fazer uma análise das representações juvenis presentes na série *Sintonia*, produzida pela empresa Kondzilla, que ganhou espaço no mercado de bens culturais produzindo vários artistas *funks*. Nesse campo, o trabalho almeja perceber as trajetórias de três personagens que estão na série – Nando, Rita e Doni –, problematizando as formas de socialização que os jovens fazem usando o *funk* como trilha sonora.

Palavras-chave: Sintonia, Kondzilla, *funk*, jovens.

1 INTRODUÇÃO

O *funk* é um estilo musical interpretado de múltiplas formas. Há pouco tempo, o *funk* sofria um intenso processo de discriminação, pelas letras, melodias e pelos ritmos. Logicamente, por ser uma música de periferia, as críticas ao estilo são cortadas por questões sociais e de raça.

Por outro lado, o *funk* tornou-se muito consumido na última década. Ele saiu da periferia e começou a ser ouvido por classes sociais variadas. Baladas de alto padrão passaram a ouvir o estilo. O *funk* se ramificou e, nesse processo, surgiram empresários que conseguiram perceber o nicho de mercado importante que havia sido aberto no interior do mercado de bens culturais.

O maior fenômeno no Brasil é o Kondzilla. Produz vários clipes, músicas e, recentemente, começou a produzir séries em plataforma *streaming*. *Sintonia* é uma delas. A pesquisa justifica o recorte em curso, afinal, é impossível entender o *funk* sem perceber as ramificações que ocorreram com o estilo no interior da indústria cultural. Por outro lado, os trabalhos já produzidos analisam músicas e clipes, deixando à parte filmes e séries. Daí o relevo desta pesquisa.

Ela segue trazendo à baila a trajetória do *funk*. Posteriormente, ela problematiza o papel que o estilo exerce como forma de socialização. Por isso que o

¹ Acadêmico do 8º período do Curso de Jornalismo. E-mail: giromedianeira@gmail.com

² Professor orientador. E-mail: gspgustavo.historia@hotmail.com

texto analisa os tribalismos em torno do estilo. Kondzilla também ganhou destaque no trabalho, que optou por adotar uma metodologia multidisciplinar.

Na parte 3, o leitor verá uma análise da própria série. O trabalho usa como base três personagens: Nando, Rita e Doni. Usando a análise de tela fixa, a pesquisa fez capturas das telas, e elas foram devidamente legendadas, visando a dar fluidez ao texto. Ao fim, foi feito um balanço deste trabalho, indicando futuros desdobramentos que podem ocorrer com a temática.

2 FUNK, JUVENTUDE, KONDZILLA

2.1 FUNK: HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS

O *funk* é um estilo musical carregado de muitas influências, da cultura africana, europeia, latina e norte-americana. Tudo começou nos anos 1960, quando o pianista Horace Silver uniu dois gêneros musicais: o *soul* e o *gospel*, criando então o *jazz funky* nos Estados Unidos; no Brasil, os artistas já começavam a fazer canções adaptadas a esse estilo estrangeiro (FORNACIARI, 2011).

Na trajetória do *funk* no Brasil, pode-se destacar que, a partir da década de 1980, a ideia que dominava tinha batidas comandadas pelo DJ, letras em inglês, sendo predominantemente estadunidense. Mas tudo mudou quando Fernando Luís Mattos da Matta, conhecido como DJ Marlboro, fez o gênero se tornar o que é hoje. Ele quem introduziu a bateria eletrônica no gênero musical, recurso esse que perdura até os dias atuais. E por consolidação, no final da década de 1980, o DJ lança seu primeiro disco, intitulado *Funk Brasil*, essa fase é chamada de consolidação do *funk* (POLITIZE, 2021).

Os primeiros eventos e festas relacionados ao *funk* no Brasil aconteceram nos bairros classe média e alta do Rio de Janeiro, sendo conhecidos como “Baile da Pesada”, inspirados nos discos do cantor James Brown. Com isso, teve a criação de outros movimentos que não eram ligados à negritude, os bailes foram ganhando um espaço maior e se transferindo para a Zona Norte do Rio de Janeiro, conquistando o público do subúrbio (FALCÃO, 2018).

Com o passar dos anos, novos estilos ou subgêneros foram surgindo dentro do *funk*, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, estes são: *funk ostentação*, *funk carioca*, *funk consciente* e *funkpop*. O *funk carioca* é o pioneiro

destes, o qual se destaca pelas batidas rápidas inspiradas nas primeiras músicas das décadas de 70 e 80.

Já o *funk* ostentação é um subgênero criado no estado de São Paulo e tem como característica as letras que falam de carros de luxo, dinheiro, joias e festas.

O *funk* consciente apresenta letras bem-marcadas por histórias que denunciam preconceitos, racismo, problemas sociais e até o descaso com as pessoas que moram em favelas. E por último, o *funk pop*, que mistura batidas tradicionais do *funk* com ritmos dançantes, como o *reggaeton* ou a música eletrônica.

2.2 JUVENTUDE, MERCADO, TRIBOS URBANAS E *FUNK*

Primeiramente, definiremos um corte por faixa etária útil na compreensão de processos de formação de uma pretensa “mentalidade urbana”. Dentro da categoria juventude, está considerado um grupo que não é mais criança, ao mesmo tempo em que também não é um adulto, mas sim, situando-se dentro dessa fase intermediária, desenvolve certos hábitos de vida peculiares, e a natureza dos vínculos que constrói ilustra as possibilidades de existência social, em que a regulação das relações não é ainda a dominante, monetarizada. Seria uma faixa da população ainda não completamente inserida na lógica do mercado de trabalho, mas que, vivendo em cidades, futuramente será inserida nela (NUNES, 2007).

A juventude é uma fase que certamente todos nós que tivermos a oportunidade de vida passaremos, porém cada ser com sua peculiaridade: sendo com condições de vida melhores ou não. Faz-se necessário contextualizar a realidade dos jovens que consomem o *funk* ou o tem como cultura, apreendendo a forma como elaboram o conjunto das experiências que vivenciam no cotidiano. Por mais óbvio que seja, nenhum jovem é um *funkeiro* 24 horas ao dia ou sete dias da semana. Em suas rotinas, a maioria deles trabalha, alguns estudam, têm família, vivenciam conflitos, divertem-se, amam, sofrem, têm desejos e propostas de melhoria de vida (DAYRELL, 2002).

Nesse contexto, entram as tribos, estas de que nos ocupamos podem conter um objetivo, uma finalidade. Porém, o importante seria a energia dispendida para a constituição de um grupo como tal. Essas também podem ser chamadas de “as aldeias na cidade”. Os ritos de massas tribais, quando observados, são, de fato,

constituídos por uma multidão de pequenas células que entram em interação. Há um constante movimento de vaivém entre as tribos e as massas se inscrevem num conjunto que tem medo do vazio (MAFESSOLI, 1998).

Herschmann (1997) chamou a atenção para a construção de dois tipos de juventudes que passaram a ocupar as páginas dos jornais do país, em 1992: os “cara-pintadas”, os quais reivindicavam o *impeachment* do então Presidente Collor de Mello, nas ruas da Capital. Do outro lado, os jovens das periferias que se divertiam praticando “arrastões” e frequentando bailes nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, onde se tocava *funk*, uma música produzida nos Estados Unidos, nos finais de semana. Ao contrário dos “caras pintadas”, os jovens de periferia – que passaram a ser identificados como *funkeiros* – não acionavam a ideia de um Brasil como uma nação unida e pacífica. Eles reforçavam a imagem de uma nação permeada pelo conflito e pela violência.

O *funk* é um elemento transnacional, pois é uma manifestação cultural que “viaja” e ultrapassa as barreiras nacionais e reivindica outras formas de existência social. O *funk* sai dos guetos negros das cidades norte-americanas para os subúrbios negros das tribos do Rio de Janeiro, tratando-se de uma viagem de periferia para periferia. Nesse sentido, o *funk* seria um tipo de “diáspora africana sonora” (PHILIP, 2005), porque, por meio da música, essa manifestação reinventa a negritude e fornece visibilidade às identidades de jovens habitantes das periferias de grandes centros urbanos (LOPES, 2007).

As tribos urbanas como as dos funkeiros seguem firmes até hoje, excepcionalmente nas capitais São Paulo e Rio de Janeiro, onde essa cultura é mais forte, sendo caracterizados pelo uso de acessórios de “ostentação” como correntes de ouro, roupas de marcas famosas.

2.3 KONDZILLA: O FENÔMENO DO FUNK

A Kondzilla é uma empresa multiplataforma, conhecida nacionalmente pelo seu tamanho e sucesso na plataforma YouTube, a qual administra segmentos, tais como: Kondzilla Filmes, que atua na área do audiovisual produzindo videocliques para o YouTube; a Kondzilla Records, uma gravadora de *funk* paulista, a qual é gerenciada a carreira dos artistas; e Kondzilla Wear, uma loja da mesma marca que oferta roupas e acessórios, além de um *site* em que é comentado e discutido o

jovem na favela (KONDZILLA, 2018). O portal também disponibiliza entrevistas com os cantores, *making-off* de videocliques, como também propaga a história do *funk*, bem como sua evolução.

O site “Portal Kondzilla” foi criado em 23 de março de 2017. O canal do YouTube é dirigido por Konrad Dantas, empresário, produtor de cena e roteirista, um amante do audiovisual que busca representar através da indústria fonográfica o mundo musical, além de também ter um objetivo de se comunicar com o público jovem de periferia, fazendo com que eles se sintam representados.

Por volta do ano de 2011, a vertente do *funk* ostentação estoura e se expande *on-line* como um todo, tornando-se um movimento mais bem definido, servindo de trilha sonora dos fenômenos sociais *rolezinhos*. Os MCs paulistas produzem seus primeiros videocliques, a produtora KondZilla desponta e tem o seu primeiro momento de consagração. Em reportagem publicada no portal G1 sobre o movimento na Baixada Santista, Guilherme Lucio da Rocha (2012c) afirma que “o primeiro nome local do funk ostentação a brilhar na Capital não foi um músico, mas um produtor de clipes”. Este produtor em questão nada mais é que o próprio Konrad Dantas já antes mencionado, mais conhecido como Kondzilla ou Kond, fundador da produtora KondZilla.

Os cliques dirigidos por Kondzilla na atualidade são os de maior sucesso e buscados como primeiro passo para o sucesso. O produtor inspira-se na estética dos videocliques de *raps* estadunidenses, predominantemente os do estilo *gangsta*. Todos os seus videocliques no início da sua exibição são assinados (PEREIRA, 2018). De acordo com os dados atualizados da Social blade (2021), os números do canal Kondzilla no YouTube são impressionantes: primeiro no *ranking* do Brasil com maior número de inscritos (64,3 milhões de inscritos), quarto no *ranking* geral da categoria música, 1875 vídeos publicados e 34,6 bilhões de visualizações, entre vários outros recordes.

Há vários os artistas que tiveram músicas produzidas estouraram dentro da produtora, só em 2020 pode ser citado como exemplo MC Niack, dono dos *hits* “Na raba toma tapão” e “Oh Juliana”, sendo um dos videocliques mais visualizados do canal no ano, o jovem de 17 anos chegou a atingir o *top* 200 global da Billboard. Em longo prazo, temos Kevinho, MC Kekel, MC Lan entre vários outros, com bilhões de visualizações acumuladas na plataforma YouTube.

2.4 *FUNK*: UMA ANÁLISE MULTIDISCIPLINAR

A análise multidisciplinar envolve várias pesquisas e disciplinas, importante para contextualizar e obter/passar informações de determinado ponto de vista sobre determinado assunto. Em nosso caso, iremos utilizar a análise de imagens para uma específica produção cinematográfica, a qual será abordada mais à frente.

O texto dialoga com os princípios da Semiótica, afinal, nota-se que:

Semiótica é proposta como uma teoria de significação, sendo a teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não), enfatizando especialmente a propriedade de convertibilidade recíproca entre os sistemas significantes que integram (LATTARO, s.a.).

Desse modo, já que os meios de comunicação podem ser estudados do ponto de vista da significação, a teoria semiótica pode ser empregada, distinguindo um objeto de outro como um plano da expressão, uma forma de manifestar essa significação. Teorias semióticas modernas buscam analisar as diferentes manifestações possíveis da significação, sendo não alheias a nenhuma forma de exprimir o sentido (FIORIN, 2004).

A especificidade da comunicação humana encontra-se ligada à nossa capacidade de ler e apreender o mundo por meio dos signos. A Semiótica (o estudo de como algumas coisas representam outras) se preocupa com essa possibilidade de tudo ser signo, alertando-nos que a linguagem é capaz de tornar presente um ausente para alguém, produzindo nesse alguém um efeito interpretativo (PINTO, 2009 *apud* MELO, 2019, p. 3).

Joly (1997) reforça que todas as pessoas são consumidoras de imagem, e por isso é tão importante a análise delas. A experiência como imagens é estética, como bem reforça Mendes (2019); por isso, é importante problematizar o sentido que é oferecido pelas imagens.

Partindo do senso comum e das utilizações ouvidas e repetidas da palavra imagem, este remete a maior parte das vezes para a imagem mediática, esta que é a imagem invasora, a onipresente, que criticamos e que faz parte do cotidiano de cada um (JOLY, 1997).

Com essa definição de mediática, a imagem torna-se então sinônimo de televisão e de publicidade, mas estas palavras não são, no entanto, sinônimas, pelo

fato de não existir somente mídia com imagens, mas sim as radiofônicas também. Todavia, a imagem mediática é representada sobretudo pela televisão e pela publicidade visual (JOLY, 1997).

O trabalho investigará capturas de tela, na conhecida análise de tela fixa. No caso da série analisada, o pesquisador capturou imagens dela visando a dar uma interpretação da produção de sentido do produto audiovisual. A pesquisa também toma como base os conceitos da Filosofia da Arte, com destaque a Didi – Huberman (2010), que entende que a imagem deve ser vista em movimento, através da dupla distância e da imagem dialética. Dessa forma, é necessário distanciar-se e aproximar-se da imagem, visando a interpretar as representações dela.

A análise de imagem fixa é que se entra nos moldes da multidisciplinar como um todo utilizará imagens de uma série cinematográfica do Kondzilla Filmes, em que estas serão analisadas profundamente e verificadas as mensagens que transmitem, se são condizentes com a trama do momento e os reflexos provocados por elas na perspectiva de quem as vê.

Para análise deste trabalho, foi escolhida a série cinematográfica brasileira intitulada *Sintonia*, esta que foi criada e dirigida pela Kondzilla, foi produzida e filmada na capital São Paulo – SP. Teve sua estreia na empresa de *streaming* Netflix em 09 de agosto de 2019, contando até o momento com uma temporada com seis episódios, com previsão de lançamento da segunda temporada para 2021.

A série relata a história de três jovens que cresceram juntos na periferia Paulista: Nando, Rita e Doni. Cada um com vertentes e objetivos pessoais diferentes, porém um sempre apoiando o outro nas adversidades encontradas. Nando sonha em entrar e trabalhar para o crime. Rita, uma menina que estava envolvida na venda de drogas, mas aceita a mudança e tenta se tornar uma pessoa religiosa. Doni sonha com a carreira musical no *funk* como MC, compõe músicas e luta pela fama e glória como grandes *funkeiros* alcançaram.

Ao longo desta análise, será dividida em três tópicos, um para cada personagem, em que constarão as imagens capturadas da série, serão analisadas e comparadas com contextos da vida real, aprofundadas e refletidas.

3 SINTONIA: REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE *FUNKEIRA* PRODUZIDA PELA SÉRIE DA KONDIZILLA

3.1 NANDO

O primeiro personagem a ser analisado tem o nome de Luiz Fernando Silva, mas é chamado durante todo o seriado de Nando. Na imagem 1, podemos ver o personagem Nando do lado direito, acompanhado de Márcia e seu colega de longa data Juninho, o qual sobrevive vendendo drogas; podemos ver a tensão dos personagens, pois Márcia veio pedir para Juninho limpar um policial das redondezas que estava incomodando e atrapalhando os planos deles, mas Nando vê a oportunidade e se oferece para fazer o “serviço”.



Imagem 1: Márcia passando ordem de eliminar policial para Nando.

Nando demonstra-se bem tenso no momento. Márcia quase não aceita por ele ser novato no tráfico, mas após brevemente pensar ela aceita e lhe passa o serviço a ser feito.

Na sequência, a próxima imagem remete a Nando sendo abordado por policiais que estavam em busca de quem havia matado o policial, coincidentemente Nando foi abordado, mas não por ser suspeito, e sim provavelmente por questões raciais, pela cor da sua pele.



Imagem 2: Nando sendo abordado por policial.

Mesmo que ele negasse e mostrasse todos os documentos pedidos, Nando foi levado para a delegacia e preso, sem prova nenhuma do crime que havia cometido. A imagem 3 nos mostra esse fato.



Imagem 3: Nando sendo levado em um camburão para a delegacia.

Em outra cena, podemos observar Nando em uma discussão e protegendo sua amiga Rita da mãe de Cacau, a qual havia sido presa em flagrante quando estava vendendo drogas em um ponto. Ele não mede esforços para proteger sua grande amiga de infância, mostrando sua garra e determinação para defender aqueles que ama, não importando se estes agiram de forma errada, como foi o caso de Rita.



Imagem 4: Discussão e defesa de Nando contra a mãe de Cacau, que agrediu Rita.

A rotina de Nando e seus colegas não é fácil, pois os chefes de tráfico estabelecem metas que devem ser atingidas, caso contrário pode haver graves consequências. A Imagem 5 ilustra o momento em que Nando está com seus colegas Juninho e Formiga, debatendo as ações a serem feitas, na frente da mãe de Juninho. Isso exemplifica e fortifica que os traficantes têm família normal e deveres familiares também, por mais que não pareça, escolhem uma vida mais perigosa a seguir para sustentarem seus relativos próximos.



Imagem 5: Nando detalha as ações com Juninho e Formiga.

3.2 RITA

Rita é uma personagem que evolui bastante assim como seus outros dois melhores amigos Nando e Doni, porém do mal para o bem. A imagem 6 mostra Rita do lado direito juntamente com Cacau do lado esquerdo, em direção a um ponto

específico para realizar a venda de maconha em tabletes, para arrecadar dinheiro. Cacau neste momento rebate Rita dizendo que não queria fazer isso e não é uma boa ideia, mas acaba se juntando a ela.



Imagem 6: Rita e Cacau carregando malas com maconha para venda.

Em sequência, após uma tentativa falha de realizar o tráfico das drogas, Rita e Cacau são descobertas por um policial que estava nas redondezas, especificamente em cima da passarela de pedestres. Cacau acaba sendo pega em flagrante, Rita entra em fuga e para fugir atira a mala em que havia as drogas dentro para baixo, conforme a Imagem 7 mostra. Rita foge e escapa da prisão, porém sua amiga acaba presa e levada para o abrigo de menores.



Imagem 7: Rita em fuga se livrando da mala com drogas (prova de crime).

Adiante, a próxima tela fixa mostra Rita sendo pega pela mãe de Cacau:



Imagem 8:Rita sendo agredida pela mãe de Cacau.

Rita passou por apuros após a mãe de Cacau ter descoberto o que havia acontecido, exigiu explicações e partiu para agressão, com ajuda de mais algumas moradoras que repudiaram o que Rita fez, não a deixando escapar ilesa; por sorte, Nando aparece como foi mostrado anteriormente(Imagem 4) e salva sua amiga de um grande problema.

Com esses acontecimentos, Rita é levada por Nando e Doni para a igreja do bairro onde esta é acolhida pela pastora, passa a ser cuidada por ela e inicia os trabalhos de ajuda para a igreja, em troca de moradia e proteção. Mas esta fica inquieta quanto a sua amiga e quer ir atrás de Cacau salvá-la da prisão a todo custo (Imagem 9).

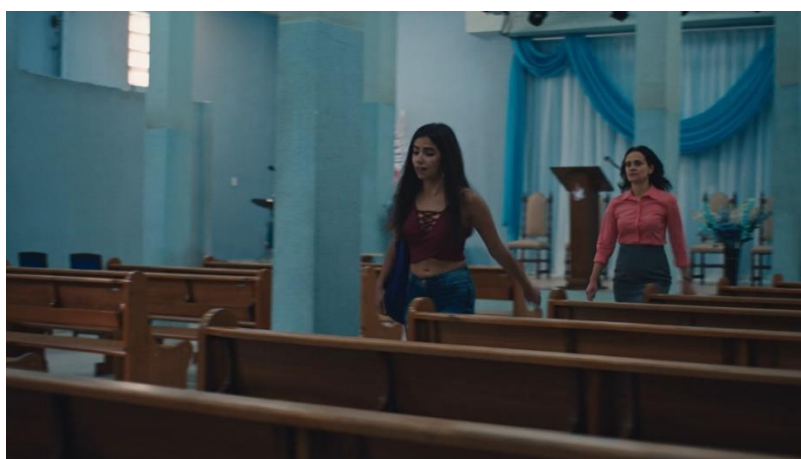


Imagem 9:Rita é acolhida pela pastora Sueli.

Adiante podemos ver que Rita começa a mudar seu comportamento e percebe os erros que cometeu. Além disso, refuta a ação de um homem que estava

perseguindo sua mulher até a igreja e a protege, ainda encarando o homem e o ameaçando caso este encoste mais um dedo em sua mulher: irá “parar nas ideia”. Essa gíria significa que ela daria uma resolução para esse homem, podendo ser interpretado da pior forma, pelo tom que ela usa contra ele (Imagem 10).



Imagem 10:Rita ameaça homem que estava agredindo a esposa.

3.3 DONI

Por último, iremos analisar por tela fixa aquele que inspirou este trabalho: Donizete.

Donizete é filho de comerciantes empreendedores, seu pai é dono de uma mercearia da comunidade, desde novo ele sempre ajudou na condução de alguns trabalhos para ajudar seus pais, porém nas entrelinhas ele sempre trabalhou na composição de músicas, com as quais ele almeja alcançar a fama como um cantor de *funk*.

Na imagem 11, podemos ver Doni na mesa juntamente de seus pais, porém utilizando de seu celular para correr atrás do seu sonho de ser cantor, mas ele não comenta nada com seus pais devido ao medo de não apoiarem.



Imagem 11: Nando utilizando o celular em meio à mesa no almoço.

Na sequência, na imagem 12 é possível observar a mãe de Doni lhe ajudando a pedir liberação para Doni sair com seus amigos Rita e Nando, pois seu pai é mais rígido com ele e não o libera para sair. Ela o ajuda justificando ao pai de Doni que ele em vez de ir à igreja ficaria em casa orando.



Imagem 12: Mãe de Doni lhe consegue permissão para eles sair com os amigos ao invés de ir ao culto.

Uma das composições de Doni acabou por ser plagiada. Ele, quando descobre, fica indignado e vai até a gravadora juntamente com Nando reivindicar seus direitos autorais pela sua composição. A imagem 13 mostra isso, Nando e Doni se encontram com Mc Dondoka, que havia feito a gravação, e questionam sobre a música, pedem pelo menos a chance de ele gravar sua própria composição juntamente com ela.



Imagem 13: Nando e Doni reivindicam os direitos sobre sua composição.

Após o esforço, Doni consegue o que queria, ganha a chance de finalmente iniciar oficialmente sua primeira gravação de estúdio da sua música juntamente com a Mc Dondoka (Imagem 14). Esta que, no começo, parecia não concordar muito, mas acabou cedendo e gravaram juntos a música, que foi muito bem aceita pelo público.



Imagem 14: Doni gravando em estúdio sua música com a participação de Mc Dondoka.

Na sequência, após Doni alcançar seu objetivo, reúne-se no telhado com seus melhores amigos de longa data. Na imagem 15, podemos ver um semblante de preocupação em Doni; quando Nando pergunta a ele o motivo de estar assim, este rebate dizendo o que deveria fazer a partir de agora, então Rita fala que ele deve trabalhar atrás do sonho dele, colocando suas músicas pra rodar nas mídias e realizando *shows* para ampliação e continuação da sua carreira.



Imagem 15:Rita enfatiza para Doni continuar trabalhando e realizar *shows*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho tem como ponto alto ter investigado uma série que vem sendo produzida por uma grande empresa do mercado do *funk*, caso da Kondzilla. Nesse ponto, é inovador e pode resultar em outros desdobramentos importantes.

A pesquisa não conseguiu analisar outros personagens da série. Além disso, como a série ainda não foi concluída, estando na primeira temporada, novos trabalhos podem surgir investigando inclusive a trajetória dos próprios personagens que foram trazidos neste trabalho.

Por outro lado, o trabalho poderia ter explorado um pouco melhor as próprias imagens: cenas, roupas, cenários etc. Houve uma dificuldade ao longo do processo, que é natural quando imagens são investigadas, tratando-as como um problema.

No entanto, a pesquisa desmistifica através da análise da série que cada indivíduo que se socializa em torno do *funk* o faz por fatores próprios. Questões de drogas, violência, repressão policial e estigmatização social são trazidas pelo produto investigado pois o *funk* dialoga com essas temáticas. Doni, personagem central, viveu esse universo e acredita que é possível mudar a sua vida através da música. Ele personifica o sonho de vários jovens que vivem nas periferias de cidades brasileiras, que devido à omissão do Estado, buscam refúgio nas experiências sonoras variadas que o estilo pode oferecer.

REFERÊNCIAS

- DAYRELL, J. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e pesquisa, v. 28, p. 117-136, 2002.
- FALCÃO, Maria Eduarda Dias et al. **A representação do funk no canal Kondzilla no YouTube**. 2018.
- FIORIN, J. L. **Semiótica e comunicação**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 8, 2004.
- FORNACIARI, C. **Funk da gema: de apropriação a invenção, por uma estética popular brasileira**. Belo Horizonte. Edição da Autora. 2011.
- HERSCHMANN, M. **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural**. Rocco, 1997.
- HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- HUCHET, S. Passos e caminhos de uma teoria da arte. In: DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010, p.11.
- JOLY, M. **Introdução à análise de imagens**. Trad. M. Appenzeller. 1997.
- KONDZILLA. **Funk ostentação – O filme**. Disponível em: <https://kondzilla.com/m/funk-ostentacao-o-filme> Acesso em: 22 maio 2021.
- LATARRO, A. **Entendendo a interface como uma forma de linguagem**. Disponível em: <https://imasters.com.br/desenvolvimento/entendendo-interface-como-uma-forma-de-linguagem>. Acesso em 18/10/2021.
- LOPES, Adriana CARVALHO. **A Construção da identidade juvenil no funk carioca**. Revista do SETA-ISSN 1981-9153, v. 1, 2007.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2011. p. 232-232.
- MENDES, A. M. **Metodologia para análise de imagens fixas**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.
- NUNES, B. F. Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. **Sociedade e Estado**, v. 22, p. 647-678, 2007.
- PEREIRA, A. B..Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologia da informação e da comunicação. **Revista Estudos Culturais**, n. 1, 2014. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98367/97104>. Acesso em: 22 maio 2021.

PHILLIP, L. Keep hitting'em up: sonic diaspora, and Toronto's Caribana. In: **III Conferência Bienal: encontros e colaborações diaspóricas**. 2005. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.

PINTO, J. Semiótica: doctrina signorum. In: **Algumas semióticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p.35-60.

POLITIZE! (ed.). **Como o funk surgiu no Brasil e quais são suas principais polêmicas?** 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/>. Acesso em: 21 maio 2021.

ROCHA, G. L. “**Após onda de violência, funk do litoral de SP se recicla e ganha o mundo**”. G1 Santos, SP: 2012. Disponível em: <https://glo.bo/2ZKRhlJ>. Acesso em: 23 maio 2021.

SOCIAL BLADE, 2021. Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/c/kondzilla>. Acesso em: 23 maio 2021.